

Unicamp disponibiliza o acervo do "homem cordial",
um dos maiores intelectuais brasileiros



Sérgio Buarque aos 9 anos, idade em que compôs a valsa "Vitória-Régia"; abaixo, partitura publicada na *Tico-Tico*



PARA COMEMORAR

Exposição "Sem Fronteiras"

Organizada pelo Acervo Arquivo Central e Biblioteca Central, esta exposição mostrará parte do acervo de Sérgio Buarque, apresentando obras raras do século XVI ao século XX, livros com dedicatórias, fotografias, documentos pessoais, móveis e objetos.

8 de agosto a 13 de setembro de 2002

"O histórico na literatura e o literário na história de Sérgio Buarque de Holanda"

Seminário Internacional organizado pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp.

9 e 10 de Setembro de 2002

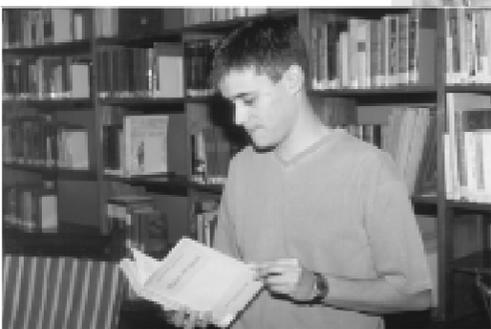
PARA NAVEGAR

<http://www.unicamp.br/siarq/sbh/>

<http://www.unicamp.br/siarq/sbh/partitura.htm>

<http://www.unicamp.br/bc/Historico.htm>

À direita, escrivaninha, máquina de escrever, cadeira e os troféus do historiador: espaço especial na Biblioteca Central da Unicamp



Acima, Pedro Meira, vencedor de concurso em Princeton com um trabalho sobre Sérgio Buarque: "Ele dizia que historiador também tinha de ser escritor"

Sérgio Buarque na intimidade

LUIZ SUGIMOTO
sugimoto@reitoria.unicamp.br

A primeira obra de Sérgio Buarque de Holanda não foi um livro, mas uma valsa intitulada "Vitória-Régia", que ele compôs aos 9 anos de idade, publicada na revista *Tico-Tico*. Possibilitar que o usuário ouça a música em um piano, ao acessar uma das páginas do site criado em homenagem ao centenário do escritor, é um toque de preciosismo em meio a tantas preciosidades do acervo que a família colocou sob os cuidados da Unicamp.

Se a partitura é singela, a jóia mais importante no Arquivo Central (Siarq) talvez seja uma dissertação de mestrado que permanece inédita: "Elementos Formadores da Sociedade Portuguesa na Época dos Descobrimentos", defendida em 1958 na Escola Livre de Sociologia e Política. "Muitos pesquisadores nem sabem de sua existência", afirma o professor Edgar de Decca, que descobriu o texto há quatro anos e que preside a comissão organizadora dos eventos da Unicamp pelo centenário.

Segundo o professor de história, o que estava implicitamente elaborado em "Raízes do Brasil" (obra inaugural de Sérgio Buarque), que seria um estudo das características formadoras da personalidade brasileira por meio dos vínculos com a cultura ibérica, ficou mais elucidado com esta tese, por se tratar do estudo da personalidade da cultura e da sociedade portuguesa à época do descobrimento.

"O trabalho mostra, por exemplo, o vazio do interior português. O interesse era pelas costas, a aventura deles era marítima. É por meio dos outros povos, das conquistas, que se estabelece e se fortalece a sociedade portuguesa. Por isso, o mundo urbano de Portugal, em se tratando de século 16, tem uma vitalidade muito grande e mostra Lisboa e o Porto como cidades multiétnicas, onde estão presentes o elemento europeu, o muçulmano, o negro e também o judeu", observa.

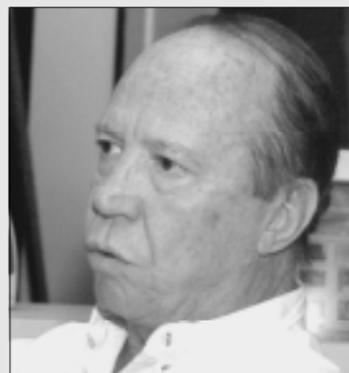
O site – O Siarq lançou já em maio o site do centenário de Sérgio Buarque de Holanda, que se comemora em 11 de julho, trazendo informações detalhadas sobre a vida, obra e acervo pessoal do escritor, e também sobre as atividades programadas no campus em torno do centenário (veja quadro nesta página).

O Arquivo Central reúne documentos manuscritos e impressos, produzidos e acumulados pelo historiador. São correspondências, cadernos e blocos de anotações de pesquisas, transcrições e fac-símiles de documentos de bibliotecas e arquivos nacionais e internacionais, recortes de jornais com resenhas de livros, críticas literárias e ensaios, fotografias, originais de discursos e documentos reunidos pela família após a morte do escritor, ocorrida em 24 de abril de 1982.

Coleção – A Biblioteca Central da Unicamp, por sua vez, guarda a coleção Sérgio Buarque de Holanda, com aproximadamente 10.000 volumes que pertenciam ao escritor e foi adquirida pela Universidade em 1983. É uma coleção eclética, embora constituída em sua maioria por material bibliográfico nas áreas de História e Literatura. Uma parte expressiva dos livros contém autógrafos e dedicatórias de personalidades célebres.

O acervo na BC é composto, ao todo, por 8.513 livros, 227 títulos de periódicos, 600 obras raras e 74 rolos de microfílm. Acompanhando as publicações vieram móveis e equipamentos pessoais: estantes, escrivaninha, escada, cadeira de repouso, objetos (prêmios, medalhas, diplomas) e equipamentos (máquina de escrever e uma leitora de microfílm).

Leia mais sobre Sérgio Buarque nas páginas 10 e 11



De Decca, presidente da comissão do centenário: relíquia descoberta há quatro anos



História e 'perfumaria'

Na década de 70, Sérgio Buarque de Holanda trocou áspere correspondência com historiadores, por exigir deles um maior cuidado com a linguagem; defendia que, malgrado a condição de historiadores, eles deveriam ser também escritores. Na época, isso não fazia muito sentido, pois os pesquisadores da área buscavam justamente uma linguagem mais seca, direta, com a preocupação de detectar e avaliar a luta de classes. Historiador identificado com a escrita, então, seria alguém interessado em "perfumaria".

A relação de Sérgio Buarque com a escrita foi tema de uma pesquisa de Pedro Meira Monteiro, ex-aluno do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e autor de um livro sobre o historiador lançado pela Editora da Unicamp em 1999. No ano passado, o tema pautou a palestra de Monteiro na fase final de um concurso na Universidade de Princeton. "A receptividade foi muito positiva. Tanto reconhecimento por Sérgio Buarque de Holanda no exterior me deixou surpreso", afirma Pedro Meira. Aprovado no concurso, em setembro ele começa a dar aulas em Princeton.

Toda a correspondência trocada pelo escritor está organizada, pronta para publicação, à espera de um editor. O material foi organizado por Vera Neumann-Wood, por muito tempo responsável pela coleção de Sérgio Buarque e que trabalhou na Unicamp, hoje atuando numa biblioteca na Flórida. "Há uma série de cartas. Eu mesmo estou preparando, juntamente com Vera, o volume da coleção referente à correspondência entre Sérgio e Mário de Andrade, no período de 1922 a 1944, dentro da Coleção Correspondência de Mário de Andrade, do IEB da USP", explica o pesquisador.

Pedro Meira, o professor Fernando Lourenço, da Sociologia do IFCH, e João Kennedy Eugênio, do Departamento de História da Universidade Federal do Piauí, têm outro livro em preparação, contendo aproximadamente 30 ensaios sobre Sérgio Buarque. "A ideia principal é juntar as novas gerações com as mais antigas. Entre os colaboradores estão grandes nomes da academia e vários autores jovens de diversas universidades e, em maior número, da Unicamp. O trabalho deve ser concluído este ano, para publicação em 2003, provavelmente pela Editora da Unicamp".

O livro inclui imagens a cargo de Neire do Rossio Martins, do Arquivo Central (Siarq), e um completo levantamento bibliográfico feito por Tereza Cristina de Carvalho, da Biblioteca Central (BC) da Unicamp, e Vera Neumann-Wood, da Selby Public Library. E, dependendo das negociações com a família, que detém os direitos autorais, a obra trará uma série de artigos do escritor, alguns publicados uma única vez e de difícil acesso.

Vespeiro – Ao comentar as comemorações do centenário de Sérgio Buarque de Holanda, Pedro Meira não esconde a preocupação em ser diplomático: "Um perigo que ronda essas efemérides, é de se realizar apenas uma espécie de festejo, de canonização do autor, por exemplo, como grande crítico de literatura. Não quero negar isso, pois sou um apaixonado por sua obra e sua figura. Mas acho importante que as comemorações não se transformem em simples louvação".

Segundo o professor, a melhor homenagem a um intelectual desta envergadura é a crítica aprofundada, inclusive começando a questionar as bases do seu pensamento. "Ele mesmo não tinha clareza do que pretendia em determinados momentos da carreira. Por ser tão rica, sua obra é ambígua, ambivalente. Podemos estar mexendo em vespeiros, porque a tendência é de um certo senso comum para que Sérgio Buarque se transforme em uma figura marmórea, uma estátua que não deve ser tocada. Eu acho que devemos buscar a crítica de qualidade, respeitando tudo o que ele fez, mas procurando avançar".

O intelectual e o homem

Apontamentos da esposa marcam a rica trajetória do autor de Raízes do Brasil

Sérgio Buarque de Holanda nasceu em 11 de julho de 1902, em São Paulo, na rua São Joaquim, bairro da Liberdade, em São Paulo. A primeira escola foi o jardim de infância do Colégio Progresso Brasileiro, no Largo dos Guaianazes, uma escola americana dirigida por Mrs. Bagby. As reminiscências tornaram-se meio confusas: um jardim espaçoso cheio de árvores, meninos e meninas brincando juntos, o carro grande puxado a cavalo que levava e trazia a criançada.

Os estudos primários foram feitos na Escola Modelo Caetano de Campos, na Praça da República. Professores e alunos dessa fase não deixaram grande marca. A maior parte do ginásio foi cursada no S. Bento, onde o clima era de camaradagem, de disciplina maleável. Entre os padres, recorda-se do simpático D. Pedro Egerath. Entre os mestres, especialmente de Afonso de Taunay, professor de História.

Paralelamente à vida escolar, a vida de menino nas ruas de Higienópolis, os calçamentos de paralelepípedos, o bonde 21, casas espaçosas com jardins e quintais. As férias eram geralmente passadas em Santos, onde residia um tio materno. Divertimento de menino? Matinês de cinema: o Central no Anhangabaú, o Royal na Sebastião Pereira, o High Life no Largo do Arouche. E caminhadas até as Perdizes, cruzando os brejos do vale do Pacaembu.

Juventude – O Tiro 35 foi um divertimento, com o sargento Menezes filando chocolate quente em casa dos alunos. Aprendeu a dançar, como era moda, no curso de Yvone Daumérie. E disparou a dançar. No Paulistano, no Trianon, nas campinadas, maratonas de dança que varavam a noite, em dois clubes de Campinas ainda no tempo das andorinhas.

Nos últimos tempos de São Paulo, principiou a conviver com gente interessada nos mesmos assuntos culturais, principalmente literatura. Gente que permaneceu amiga e companheira pela vida afora: Guilherme de Almeida (por quem morria de admiração), Tácito de Almeida, Antonio Carlos Couto de Barros, Rubens Borba de Moraes. Aparições bissextas de Sérgio Milliet, começo de amizade com Mário de Andrade e Oswald. O grupo freqüentava a Confeitaria Fazzolli da Rua São Bento. Às vezes, o Pinoni ou a Vienense. Fora isso, tertúlias no escritório do Dr. Estevam de Almeida, pai do Guilherme e do Tácito, debaixo de um aviso onde se lia “Neste escritório só se trata de advocacia”.

Mudança para o Rio – Em 1921, a família Buarque de Holanda transferiu-se definitivamente para o Rio, indo residir na Gávea. Sérgio conta que era uma casa simpática, antiga, com árvores de fruta e um riacho no fundo do quintal. Nesse mesmo ano 21, matriculou-se na Faculdade de Direito da Rua do Catete. Sérgio jamais foi um estudante assíduo, nem interessado. Rodrigo M. F. de Andrade comentava, divertido, sua total inabilidade no campo jurídico. Em compensação, foi na faculdade que nasceram duas grandes amizades: Prudente de Moraes Neto e Afonso Arinos de Mello Franco.

Prudente era companheiro de conversa, entre as estantes da Livraria Garnier, onde ambos pesquisavam toda a literatura inspiradora do movimento modernista; companheiro de diálogos (ou monólogos alternados?) pela noite afora, nas mesas do Lamas; nas caminhadas pelos bairros da zona sul. Em 1924, Prudente sugeriu fundarem, juntos, uma 2ª revista do movimento. Encontrando Graça Aranha na Av. Rio Branco, falaram do plano.

Graça animou-se, sentaram-se os três numa mesinha da Casa Carvalho e, de lá, a revista saiu batizada (pelo Graça): Estética. Sua existência foi curta. Três números. Quase um ano de planos, entusiasmo, tenacidade, desistência. Essa tentativa em revista modernista não foi a primeira. Já em 1922, o grupo de São Paulo nomeara Sérgio representante da Klaxon no Rio.

Neto de presidente – Nos primeiros anos de Rio, Sérgio encontrava-se sempre com Ribeiro Couto que, um dia, apresentou-

lhe Manuel Bandeira, na esquina da avenida com São José. Ligaram-se logo e Sérgio escreveu sobre ele (ou sobre o Carnaval?) no Fon-Fon. Pouco tempo depois, apresentou-lhe Prudente. “Neto do Presidente!”, riu Manuel, e encaminharam-se os três para o Café Chave de Ouro. E para Sérgio e Prudente, Manuel virou logo o grande amigo.

A convivência com os amigos paulistas persistiu assídua, por algum tempo. Por volta de 1922, Guilherme casou-se, românticamente, com Baby Barroso do Amaral, logo adotada e querida pela turma do marido. Residiram longa temporada no Rio e, em sua casa de Botafogo, reuniam gente, especialmente às 6ªs feiras. A toda hora lá apontavam os paulistas: Tácito, Couto de Barros, Rubens de Moraes, Mário de Andrade, Oswald. Do Rio, entre os freqüentadores habituais, lembre-se de Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Renato de Almeida, Afonso Arinos, Di Cavalcanti e Manuel Bandeira, apaixonado pela Maria Henriqueta, irmã de Baby.

O grupo carioca, ainda mais numeroso, reunia-se às 4ªs feiras em casa do Ronald. Ai apareciam também Vila Lobos, Agripino Grieco, Peregrino Júnior, Paulo Silveira, Luís Anibal Falcão. Era tempo do Brasil governado por Artur Bernardes. Falava-se de política, de arte moderna. E de literatura. As relações literárias não se restringiam à área modernista. Freqüentadores da Garnier eram igualmente Américo Facó, Jorge Jobim (pai de Tom Jobim) e Raul de Leoni.

Ribeiro Couto e Renato de Almeida trabalhavam na América Brasileira, revista financiada por Elycio de Carvalho, que costumava convidar para sua casa, na praia do Flamengo, os freqüentadores da redação. E havia a revista Mundo Literário, publicada pela livraria Leite Ribeiro, outro ponto de encontro, onde Sérgio conheceu Cecília Meireles.

Boemia e jornalismo – Paralela à vida de estudante e jornalista, Sérgio levava uma movimentada vida de rua e de bares. À noite era o Lamas, no Largo do Machado. Foi lá que, por intermédio de Renato Palmeira, conheceu Cândido Portinari, estudante obscuro da Escola de Belas Artes. De tarde, havia o Bar Nacional e, às vezes, a Brahma.

Ao lado da boêmia, havia o ganha-pão. No caso, o jornalismo. Logo à chegada ao Rio, Sérgio entrou para o Rio-Jornal, onde redigia crônicas, fazia entrevistas. No O Jornal saíram dois artigos seus.

Na volta da Alemanha,

Fotos: Unicamp/Arquivo Central-Siarq/Arquivo Sérgio Buarque de Holanda



1) Maria Amélia Alvim Buarque de Holanda (primeiro plano) visita a exposição “As Raízes de Sérgio”, realizada na Unicamp em 1986



2) Sérgio Buarque de Holanda em Berlim, em 1930, quando correspondente de “O Jornal”, publicação do Rio de Janeiro



3) O historiador participa do I Encontro Nacional do Partido dos Trabalhadores, realizado em São Paulo em 1980

De volta da Alemanha, no Rio, Sérgio Buarque de Holanda retomou o jornalismo e o trabalho em agências telegráficas: *Havas*, *Agência Brasileira*, *United Press*. Foi também diretor de sucursal do *Jornal de Minas*, fundado e orientado por Virgílio de Mello Franco e Afonso Arinos. Recomeçou a freqüentar os amigos de antes e caiu na roda-viva. Foi o tempo dos grandes carnavais, o tempo dos cassinos, o tempo do Lido, o tempo da Praia de Copacabana.

1932 – Sérgio estava no Rio na turma dos boatos e da torcida revolucionária. Acabou preso, soltando vivas a São Paulo, em pleno Mangue.

1935 – Sérgio publicou na revista *Espelho* um longo estudo: “Corpo e Alma do Brasil”. Era o anúncio de seu primeiro livro, “Raízes do Brasil”, editado ano e meio mais tarde.

1936 – Convidado pela Universidade do Distrito Federal para assistente nas cadeiras de História Moderna e Econômica de Literatura Comparada. Sérgio colabora em “Em Memória de Antonio Alcântara Machado” e no volume em homenagem aos 50 anos de Manuel Bandeira. Publica “Raízes do Brasil”. Casa-se com Maria Amélia.

1937 – Assume as cadeiras de História da América e de Cultura Luso-brasileira. Convidado por Gustavo Capanema, faz parte da Comissão de Teatro do Ministério da Educação. Transfere-se da *United* para a *Associates Press*. Todo esse ano reside num apartamento no Leme. E a convivência com os outros amigos estabeleceu-se intensa, inclusive com “os do norte que vêm”: Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Luís Jardim, Raquel de Queiroz... A 30 de novembro nasceu Miúcha.

1938 – Passa a morar numa casa na Av. Atlântica, no Leme. Nessa época, Mário de Andrade, contratado pela Universidade do Rio, aparecia sempre.

1939 – Extinta a Universidade do Distrito Federal, Sérgio passa para o Instituto do Livro. No Instituto trabalhavam, entre outros, Mário de Andrade, Américo Facó, Liberato Soares Pinto, Chico Barbosa, Eneida e José Honório Rodrigues, Souza da Silveira e Manuel Said Ali. Sérgio desliga-se da *Associates Press*. Começa a Guerra.

1940 – Muda-se para o apartamento do Lido e logo

nasce Sergito (20 de abril). Principia a seção de crítica literária no *Diário de Notícias*. Ambiente pesado, com a ocupação de Paris.

1941 – A convite do State Department, viaja aos EUA, visitando Nova York, Washington, Chicago. Pronuncia palestras na Universidade de Wyoming.

1942 – Nasce Álvaro, dia 3 de janeiro. Por essa época, trava relações pessoais com Caio Prado. Temporada de Willian Berrien no Brasil.

1943 – Alegre viagem a Belo Horizonte, em grupo organizado por Vinicius de Moraes, que lá proferiria uma palestra. Tudo a convite de Juscelino Kubitschek, então prefeito da cidade. Estada em São Paulo: em almoço oferecido pelo editor José de Barros Martins, conhece Antonio Cândido.

1944 – Nasce Chico, a 19 de junho. Sérgio passa do Instituto do Livro para a Biblioteca Nacional. Publica “Cobra de Vidro”. Publica “História do Brasil” (didática).

1945 – Publica “Monções”. Toma parte no Congresso de Escritores em São Paulo, assinando a conhecida “Declaração de Princípios” contra a ditadura. É eleito presidente da seção carioca da Associação Brasileira de Escritores. Faz parte dos fundadores da Esquerda Democrática. Fim da Guerra. Foi o tempo dos boatos. Boatos na hora do almoço, no restaurante da ABI, boatos o dia inteiro nos cafés próximos à Biblioteca Nacional. Em agosto, caía Getúlio.

1946 – Depois de uma ausência de 25 anos, Sérgio volta para São Paulo, assumindo a direção do Museu Paulista, no Ipiranga. Consegue a ampliação das atividades do Museu, criando as seções de História, Etnologia, Numismática e Linguística. Publica “Monções”. Maria do Carmo nasce no dia 5 de novembro. É eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores, seção de São Paulo. A Esquerda Democrática converte-se em Partido Socialista. Sérgio é apresentado como candidato a vereador para completar o número exigido de candidatos.

1948 – Além da direção do Museu, Sérgio leciona História Social e História Econômica do Brasil, na Escola de Sociologia e Política. É eleito representante das “Instituições Complementares” da USP. Vira representante no Conselho Universitário. Publica “A

segundo Maria Amélia

Colaborou também na *Idéia Ilustrada*, revista dirigida por Cláudio Ganns e Américo Facó. Foi este amigo quem apresentou Sérgio na Agência Havas. Ai, aconteceu o pitoresco episódio de sua prisão no Palácio do Catete, em dias da Revolução de 1924, confundido com outro funcionário da Havas, anarquista mal-amado nas hostes do Bernardes. Na manhã seguinte, apareceu na Polícia, para soltá-lo, metade da turma do Bar Nacional.

Mais tarde, Sérgio passou para a *United Press*. Tornou-se, então, amigo de Múcio Leão e Austregésilo de Ataíde. Ao mesmo tempo, colaborava no *O Jornal* dirigido por Chateaubriand. Nessa época é que travou relações de amizade e interesse cultural com Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde da crítica literária. Sempre a serviço do *O Jornal*, esteve em Minas e daí nasceu a amizade com Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura e João Alphonsus.

Englobando toda a década de 20, surge na vida de Sérgio a pessoa de Rodrigo M. F. de Andrade. Sérgio não lembrava o dia exato em que o conheceu, mas foi nos seus primeiros tempos de Rio. De conhecidos a amigos, de amigos a amicíssimos, a evolução foi rápida e a duração longa. Quase 50 anos de amor. Rodrigo foi sempre o confiante, o assistente. Levado por aquele senso de responsabilidade, continha a própria soltura mental e constituía-se em elemento ponderador diante do que chamava a "insensatez de Sérgio".

Deu a louca – Um dia (em 1927?) deu a louca em Sérgio. Distribuiu os livros entre os amigos e aceitou a proposta para dirigir o jornal *O Progresso* em Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo. Lá, era o escreve-tudo. Por causa de *O Progresso*, tornou-se conhecido como Dr. Progresso, e assim o chama Rubem Braga. Certo dia, procuravam um cidadão formado em direito para substituir o promotor, em júri na cidade de Muniz Freire. Descobriram Sérgio, que, além de aventurar-se numa acusação jurídica sem o respaldo de um só livro de direito, enfrentou caminhada de seis horas em lombo de burro. Claro que os dois assassinos foram absolvidos.

Voltando do Espírito Santo, Sérgio retomou o trabalho na *United* e no *Jornal do Brasil* (ou *O Jornal*). Recomeçou a comprar livros. Foi o princípio de sua biblioteca de hoje. Retomou logo os convívios

interrompidos pela temporada capixaba. Foi por esse tempo que apareceu Gilberto Freyre e que a *Revista do Brasil* vivia então sua 2ª fase, com o título comprado de Lobato por Chateaubriand.

Em 1929, Chateaubriand propôs a Sérgio uma viagem à Alemanha, Polônia e Rússia, enviando reportagens para *O Jornal*. Embarcou em junho, no Cap Arcona. Na mesma viagem seguia Josias Leão. Juntos, desembarcaram em Hamburgo, rumaram para Berlim, cautelosos, com pouco dinheiro. Sérgio não conseguiu regularizar os papéis em tempo de alcançar a Rússia, mas, em setembro, foi até à Polônia. Com passe de trem gratuito, percorreu quase todo o país. Recordava sempre o frio terrível, causador de uma gripe notável.

Gente interessante – Regressando a Berlim, a embaixada o indicou para trabalhar na revista *Duco*, redigida em alemão e português e especializada nas relações comerciais teuto-brasileiras. Depois, recomendado pelo consulado, traduziu scripts de vários filmes da Ufa, entre eles o *Anjo Azul*. A correspondência para *O Jornal* era meio esporádica, mas deu para entrar em contato com gente interessante: Thomas Mann, Willy Muzemberg (deputado comunista no Reichstag), Chattopandiyaya (príncipe hindu relacionado com comunistas), Henri Guilbeaux (francês, pacifista, que fundou na Suíça a revista *Demain*, onde colaboraram Bertrand Russel, Stefan Zweig, Romain Roland).

Sem regularidade, assistiu às aulas de História e Ciências Sociais na Universidade de Berlim. Algumas aulas de Friedrich Meinecke, professor de História. Familiarizando-se com o idioma da terra, pôs-se a ler os alemães: o dito Meinecke, Max Weber, o crítico Gundolf e, na ficção, Kafka, Rilke, Hoffmanstahl, Stefan George. Em Berlim, Sérgio viveu uma época de grande euforia mundana e boêmia, com namoradas e amigos internacionais.

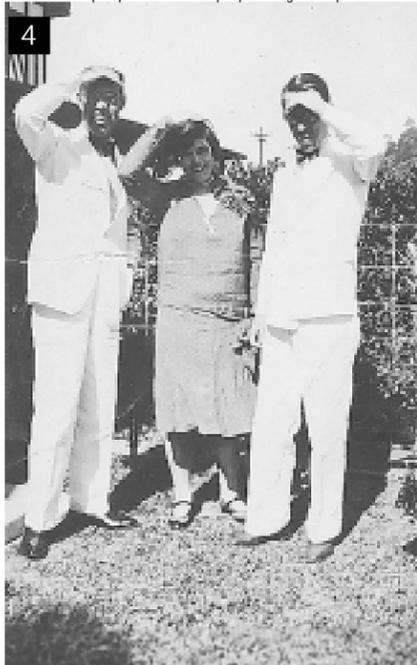
Ao mesmo tempo, presenciou a grande eclosão do Nazismo, com o partido arrancando para os primeiros lugares entre os mais votados. Com a revolução de 30, as possibilidades de trabalho escassearam. A revista *Duco* foi suspensa. A Ufa diminuiu a tradução de filmes. Sérgio teve de regressar ao Brasil, pelo Natal de 1930. Enquanto viajava, nasceu em Berlim Sérgio Georg Ernst, seu filho com Anne Margerithe Ernst.

4) Mário de Andrade, Inale (mulher de Prudente de Moraes) e Sérgio Buarque de Holanda, no Rio, em 1927
5) Em Concurso de Cátedra na USP, em 1958

6) Em foto de 1982, mostrando exemplar da revista *Klaxon*, da qual foi representante no Rio, durante entrevista sobre a Semana de 22

7) Tocando sanfona em 1966 no apartamento de Heloísa Buarque de Holanda e de João Gilberto, em Nova Iorque

Fotos: Unicamp/Arquivo Central-Siarq/Arquivo Sérgio Buarque de Holanda



a consolidação da carreira

Expansão Paulista do Século XVI e Começo do Século XVII". Retoma a seção no *Diário de Notícias*. Ana Maria nasce, no dia 12 de agosto.

1949 – Publica "Índios e Mamelucos na Expansão Paulista". Prefacia a tradução do "Fausto", de Goethe. Viaja à França e Itália, proferindo uma palestra na Sorbonne e participando de um comitê da Unesco, em Paris. Viaja de novo a Paris, para participar de dois comitês da Unesco.

1950 – Assume a seção de crítica literária no *Diário Carioca* e na *Folha de São Paulo*. É eleito, novamente, presidente da Associação Brasileira de Escritores, seção de S. Paulo. Viaja aos EUA para participar, em Washington, do 1º Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros. Maria Cristina nasce, a 23 de dezembro.

1952 – Publica "Antologia de Poetas Brasileiros na Fase Colonial". Aparecida e Paulo Mendes de Almeida festejam os 50 anos de Sérgio, promovendo um grande jantar na Maison Suisse.

1953 – Licenciado no Museu Paulista, assume a cadeira de Estudos Brasileiros criada na Universidade de Roma. Lá, reside num apartamento à Via San Marino 12.

1954 – Na Suíça, profere uma conferência focalizando o Brasil na vida americana. Em Veneza, participa do Congresso da Société Européenne de Culture. Profere palestra no Campidoglio. Organiza um volume da revista "Ausonia", dedicado ao Brasil.

1955 – Retornando ao Brasil, reassume a direção do Museu Paulista e reside à Rua Henrique Schaumann. É eleito vice-presidente do Museu de Arte Moderna.

1956 – Leciona História do Brasil na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba. *Raízes do Brasil* é publicado em espanhol (*Raíces del Brasil*), no México.

1957 – Assume a cátedra de História da Civilização Brasileira, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Publica "Caminhos e Fronteiras". Muda-se para a Rua Buri 35, Pacaembu.

1958 – Recebe o Grau de Mestre em Ciências Sociais na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Presta concurso para a cátedra, apresentando como tese "Visão do Paraíso". Recebe o Prêmio

Edgard Cavalheiro por "Caminhos e Fronteiras". Publica "Trajetória de uma Poesia" - introdução à poesia e prosa de Manuel Bandeira.

1959 – Participa do 2º Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, em Salvador. Publica "Visão do Paraíso". Cria o Instituto de Estudos Brasileiros.

1960 – Planeja e dirige a História Geral da Civilização Brasileira para a Difusão Européia do Livro. Recebe do governo francês a condecoração de "Officer de l'Ordre des Arts et des Lettres".

1962 – Assume a presidência do Conselho Organizador do Instituto de Estudos Brasileiros. Em seguida, é eleito diretor do mesmo Instituto.

1963 – Além do trabalho no IEB, preside as Comissões Organizadoras do Instituto de Pré-História, do Museu de Arte e Arqueologia, do Museu de Arte Moderna (depois Contemporânea) e Comissão de Bibliotecas. Na Difel é publicado o 1º volume da série Brasil Monárquico: "Processo de Emancipação" na História Geral da Civilização Brasileira. A convite da Universidade do Chile, vai a Santiago dar um curso e organizar seminários sobre História do Brasil. Sua 1ª aula é publicada em espanhol.

1964 – Sai o 2º volume do Brasil Monárquico: "Dispersão e Unidade". Participa de um curso de História do Brasil na Universidade de Brasília, onde o reitor é Zeferino Vaz.

1965 – Vai aos EUA, a convite do governo norte-americano. Faz conferências nas Universidades de Columbia, Harvard e Los Angeles. Viaja de novo para os EUA, como professor visitante nas Universidades de Indiana (Bloomington) e New York State University (Stony Brook). Em Yale, faz parte de uma banca de doutoramento e orienta seminários. Participa do VI Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros nas Universidades de Harvard e Columbia. Pronuncia uma palestra no Queen's College, em Nova York.

1967 – Termina o curso em Stony Brook e profere uma palestra na Universidade de Princeton. Na volta dos EUA, passa pela Europa. Em Cuiabá, onde permanece uma quinzena, pesquisa os documentos do Arquivo. Vai a Lima, a convite da Unesco. Sai o 3º volume do Brasil Monárquico: "Reações e Transações". Profere conferência na Escola Superior de Guerra: "Elementos Básicos da Nacionalidade – O Homem".

1968 – Participa do Congresso Teuto-Brasileiro, em Recife. Novamente convidado pela Unesco, vai a San José de Costa Rica participar do Comitê de Estudo das Culturas Latino-Americanas. No dia 30 de abril, pede sua aposentadoria na USP, em solidariedade com os professores aposentados discricionariamente, na véspera, pelo AI-5.

1971 – Sai o 4º volume da Série Brasil Monárquico: "Declínio e Queda do Império".

1972 – Sai o 5º volume da Série Brasil Monárquico: "Do Império à República". Inicia-se a publicação da "História do Brasil" didática.

1974 – Participa novamente do Comitê de Estudo das Culturas Latino-Americanas, desta vez reunido no México. A convite do governo venezuelano, vai a Caracas para a instalação da Biblioteca Ayacucho. É publicado o "Vale do Paraíba - Velhas Fazendas". Inicia-se a publicação da "História da Civilização" didática.

1977 – Recebe o Prêmio Governador do Estado, de Literatura. Toma parte na fundação do Centro Brasil Democrático, como vice-presidente. Publica 2ª edição, ampliada, de "Cobra de Vidro".

1979 – Colabora em volume de homenagem a Antonio Cândido: "Esboço de Figura". Escreve uma carta-prefácio e seleciona poesias para antologia de Vinícius de Moraes. Publica "Tentativas de Mitologia". Recebe os troféus Juca Pato e Jaboti.

1980 – Inscreve-se como membro fundador do PT (Partido dos Trabalhadores). Recebe o troféu Juca Pato (Prêmio Intelectual do Ano de 1979). Recebe o Troféu Jaboti na categoria de Ensaios.

1981 – Grava depoimento no Museu da Imagem e do Som.

Os apontamentos de Maria Amélia Buarque de Holanda são muito mais detalhados. Este resumo não traz, por exemplo, as inúmeras obras prefaciadas pelo historiador, além de outros eventos. A versão completa está na página do Arquivo Central da Unicamp: <http://www.unicamp.br/siarq/sbh/biografia.html>